

ANOS DE CHUMBO

Divulgação



Paraibana foi perseguida pela ditadura e virou símbolo de resistência e luta ao liderar Liga camponesa

Luiz Marques/CB/D.A Press



Eduardo Coutinho (d), diretor do filme *Cabra Marcado Para Morrer*; Vladimir Carvalho (c) e a agricultora

Inspiração da luta agrária

Elizabeth Teixeira assumiu a causa em defesa dos trabalhadores rurais após a morte do marido; centenário é comemorado este mês

» LUIZ CARLOS AZEDO

Três dias de festas estão programados para comemorar o centenário de Elizabeth Teixeira, viúva do líder camponês João Pedro Teixeira, assassinado a mando de fazendeiros paraibanos em 2 de abril de 1962. A morte de seu companheiro se tornou símbolo de resistência e luta pela terra, justiça social e reforma agrária e fez de Elizabeth uma liderança dos trabalhadores rurais muito perseguida durante o regime militar. Sua história foi resgatada pelo cineasta Eduardo

Coutinho, no documentário *Cabra Marcado para Morrer*, a exemplo do que Walter Salles Junior viria a fazer em *Ainda Estou Aqui*, com a história de Eunice Paiva, viúva de Rubens Paiva, morto em dependências do Exército na década de 1970 (**leia crítica abaixo**).

Elizabeth Altina Teixeira nasceu em 13 de fevereiro de 1925, na comunidade de Antas do Sono, então município de Sapé, na zona da mata da Paraíba. Filha mais velha de Altina Maria da Costa, de origem latifundiária, e de Manoel Justino da Costa, de família de pequenos proprietários de terra, desde

jovem, demonstrou inconformismo com as injustiças do campo. Após a morte de João Pedro, ela assumiu a presidência da Liga Camponesa de Sapé e, depois, da Liga no Estado, dando continuidade às lutas por trabalho digno, reforma agrária e justiça no campo.

Presas várias vezes em atos pela reforma agrária, perseguida pela ditadura e por jagunços, teve que ir para a clandestinidade. Para fugir da perseguição, adotou um nome falso e ficou escondida por 17 anos. Elizabeth teve de entregar os 11 filhos a parentes e amigos durante os anos de

perseguição. No próximo dia 13, porém, todos os seus familiares e amigos estarão juntos, no Festival da Memória Camponesa do Sapé, quando será lançada a exposição *Elizabeth Teixeira: 100 faces de uma mulher marcada para viver*.

A celebração de seu centenário conta com apoio do governo federal, governo da Paraíba e da Prefeitura de Sapé, além do engajamento da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST). As ligas camponesas foram associações de trabalhadores rurais

criadas inicialmente no estado de Pernambuco, posteriormente na Paraíba, no antigo estado do Rio de Janeiro, em Goiás e em outras regiões do Brasil. Exereram intensa atividade no período que se estendeu de 1955 até a queda de João Goulart, em 1964. Ao lado de Francisco Julião, seu fundador, João Pedro era um dos principais líderes das ligas camponesas, das quais se tornou o maior símbolo, após sua morte.

O filme *Cabra Marcado para Morrer*, documentário de Eduardo Coutinho, conta essa história. Começou a ser filmado em 1964 e

só foi concluído em 1984, quando Elizabeth foi reencontrada pelo cineasta.

Na tarde de 2 de abril de 1962, João Pedro foi emboscado e assassinado. Seguia a pé pela estrada entre Sapé e a cidade vizinha de Mari, onde participaria de uma reunião da Liga Camponesa, quando foi surpreendido pelos pistoleiros, que dispararam vários tiros contra ele. Teixeira morreu no local, sem chance de defesa. O crime foi planejado para eliminar sua influência e enfraquecer a organização dos trabalhadores rurais.

Memórias que resistem

Doas Mulheres, duas ausências, um mesmo drama

Recentemente, o jornalista Xico Sá analisou nosso candidato ao Oscar 2025, *Ainda Estou Aqui* (2024), de Walter Salles, e traçou um paralelo entre sua protagonista Eunice Paiva e Elizabeth Teixeira, a protagonista de *Cabra Marcado Para Morrer* (1964-1984), obra-prima do saudoso Eduardo Coutinho. Duas obras impactantes que giram em torno de duas mulheres, duas ausências e suas drásticas consequências.

Eunice e Elizabeth. Duas viúvas de uma mesma fatalidade. Ambas privadas da presença de seus companheiros de vida, assassinados pelos desmantelos de um sistema de extremos, de um (des)governo que sabia muito bem aonde queria chegar, não se preocupando com os meios para

atingir seus fins.

Eunice é a esposa do Deputado Federal caçado do PTB, Rubens Paiva. Elizabeth é esposa de João Pedro Teixeira, um dos fundadores das Ligas Camponesas na Paraíba. Ambos, assassinados por defenderem direitos humanos básicos, a liberdade e a terra. O primeiro, morreu em 1971, em pleno período de chumbo da ditadura, e o segundo, em 1962, dois anos antes de estourar o golpe. Dois crimes que passaram impunes e que foram soterrados para que a verdade e a vergonha não viessem à tona.

Eunice Paiva é a grande estrela do momento. Saiu do anonimato e tornou-se exemplo de resiliência, determinação e força, graças à brilhante atuação de Fernanda Torres, que a

interpreta em *Ainda Estou Aqui*, e também, claro, à excelência do roteiro e da direção do filme, que, por sua vez, é baseado no também magnífico livro homônimo de Marcelo Rubens Paiva, filho de Rubens Paiva.

Elizabeth Teixeira é a luz de *Cabra Marcado Para Morrer*, documentário feito em duas etapas, interrompido pela ditadura militar em plena fase de realização e que teve nosso conterrâneo velho de guerra, Vladimir Carvalho, em sua equipe. Um longa que, além de ser o maior filme de Coutinho, traz em si as marcas físicas da censura, impregnado que está pelas digitais dos desaparecidos. Elizabeth, na ocasião, teve de fugir, esconder-se e espalhar seus 11 filhos pelo território brasileiro. Uma "heroína nacional", como

bem sublinha Sá, e que ainda segue na luta, completando no próximo dia 13, 100 anos de vida, data em que receberá uma homenagem do MST em Sapé, Paraíba.

Duas grandes histórias, dois grandes filmes, muito diferentes em sua poética, mas que retratam de forma igualmente brilhante a ausência imposta à vida de duas mulheres "comuns". Viúvas que, de uma hora para outra, tiveram as vidas desconstruídas, enxergando a fuga como a única salvação para seguir adiante. Mães de família que tiveram de assumir as rédeas da casa, da vida e do destino dos filhos a fim de sobreviver. Guerreiras que seguiram lutando, cada uma à sua maneira, para que a batalha travada por seus maridos não fosse em vão.

Cabra Marcado para Morrer foi lançado em 1984, ainda na ditadura. E por isso mesmo, não fez o estardalhaço que faz hoje *Ainda Estou Aqui*, que já arrebou alguns prêmios importantes e que tem a chance de redimir seu companheiro de 64/84 e mostrar ao mundo o que acontecia no Brasil daqueles tempos. Histórias tantas vezes negadas ou apagadas, mas que urge ser contadas para que jamais se repitam.

Em *Ainda Estou Aqui*, o foco, porém, não é a ditadura, que aparece mais como pano de fundo. A lupa é colocada em Eunice, em seu humanismo, em sua sensibilidade, sua dor, sua força e na luta interna que teve de travar para seguir tocando a vida "normalmente", de modo a não prejudicar a família. E esse é o

grande acerto do filme: tocar em uma ferida que não é só de Eunice, nem de Elizabeth, mas que é também a de muitas Marias e Clarices espalhadas por aí. Uma escolha nada óbvia, que foge do esperado, que desvia da melodrama, do choro fácil, da pieguice e que se fortalece pela excelência do elenco, pela beleza da fotografia, pela justeza da reconstrução histórica, convertendo-se desde já em um verdadeiro clássico.

Cabra Marcado Para Morrer e *Ainda Estou Aqui* trazem a marca de tantas mulheres que tentaram e ainda tentam preservar a memória deste país e, por isso mesmo, precisam ser assistidos, analisados e debatidos em todas as esferas da sociedade brasileira. (Lília Lustosa, crítica de cinema, especial para o Correio)

SÉRGIO ABRANCHES

AS EMISSÕES DE GASES ESTUFA CONTINUAM A SUBIR, E A TEMPERATURA MÉDIA GLOBAL DA SUPERFÍCIE TERRESTRE EM 2023 E 2024 CHEGOU À MARCA A SER EVITADA ACORDADA EM PARÍS, DE 1,5 °C. TUDO APONTA PARA UMA CRISE CLIMÁTICA QUE PRECISA SER ENFRENTADA COM AÇÕES DE MÁXIMO VIGOR

O duro desafio da COP30 em Belém

O caminho até a COP30 nunca foi fácil. A expectativa para a Cúpula do Clima na Amazônia é grande. O número de pessoas credenciadas pode superar as estimativas. Já será difícil preparar Belém para acomodar o número estimado de pessoas, imagine se este número for superado na realidade. O contexto pode ajudar, as grandes queimadas na Amazônia, no Cerrado e na Mata Atlântica, a tragédia no Rio Grande do Sul, o gigantesco incêndio florestal que atingiu Los Angeles, as tempestades devastadoras. As emissões de gases estufa continuam a subir, a temperatura média global da superfície terrestre em 2023 e 2024 chegou à marca a ser evitada acordada em Paris, de 1,5 °C. Tudo aponta para uma crise climática que precisa ser

enfrentada com ações de máximo vigor, quando o padrão das COPs é o mínimo comum.

O contexto geopolítico não é bom. Uma dos primeiros atos do "decretaço" de Donald Trump nas primeiras horas de governo foi se retirar do Acordo de Paris. A China mantém seu programa agressivo de redução de emissões, mas continua a ser o maior emissor de gases estufa. Resiste a fazer concessões no plano internacional, mantendo-se na posição de país de renda média, atuando entre desiguais no grupo de negociação denominado BASIC (Brasil, África do Sul, China e Índia). Em Baku, na COP29, saiu do BASIC, proposta da China de medidas de tratamento diferenciado para os países em desenvolvimento, entre os quais ela se inclui.

As opiniões que minimizam o impacto da saída dos EUA do Acordo de Paris e da histórica marca de decisões pelo mínimo das COPs não são convincentes. Uma delas diz que o movimento rumo à descarbonização das sociedades já está em curso, que o federalismo americano dá condições aos estados e cidades de manter suas políticas. Mas não desconta o grande número de estados e cidades sob controle de extremistas republicanos dispostos a seguirem a política de carbonização do presidente. Há que se considerar também o corte de financiamentos e subsídios para ações de contenção de emissões contidas na política de energia limpa implementada por Biden e cancelada por Trump.

No plano global das COPs do clima, a saída dos EUA tem

impacto relevante. Teve papel decisivo nas negociações do Acordo de Paris, com o envolvimento direto de John Kerry, então secretário de Estado. É uma das maiores fontes de financiamento das ações de países mais vulneráveis. Financiamento já é um gargalo nas negociações do clima e agora ficará mais difícil. Além disso, dois principais financiadores da União Europeia, Alemanha e França estão em crise política. Macron é minoritário e, embora tenha a prerrogativa de conduzir a política externa, as decisões de política econômica cabem ao premiê e ao parlamento. A Alemanha tem um governo demissionário à espera de eleições que devem mudar a composição da maioria. Há uma boa probabilidade de que Angela Merkel como principal

liderança. Será preciso ver como se desempenharão os partidos Verde e Social Democrata, que poderiam compor uma coalizão favorável às políticas climáticas. O ultradireitista AfD deve crescer no Reichtag e ficar com a segunda maioria; não descarto uma coalizão CDU/AFD.

O quadro lembra a COP15, em Copenhague, que começou envolvida por expectativas demasiado positivas, controvérsias em torno da ciência climática, mas com a aposta em uma posição forte dos EUA, com Barack Obama na presidência e Hillary Clinton como chanceler. Não foi o que aconteceu, a posição dos EUA foi tímida e deu-se um impasse com a China. A COP foi salva depois da hora final, numa inédita negociação entre Obama, o primeiro-ministro chinês Wen Jiabao, mediada pelo presidente Lula e pelo primeiro-ministro da

Índia, Manmohan Singh, presente também o presidente sul-africano Jacob Zuma. Obama entrou numa reunião do BASIC para confrontar o premiê chinês. Saiu um mínimo comum que rompeu o impasse e abriu o caminho que deu no Acordo de Paris. Escrevi uma análise detalhada da COP15 no livro *Copenhague Antes e Depois*.

Em Belém, não haverá os Estados Unidos para negociar, a China deverá ser o principal fator nas decisões. A União Europeia entrará enfraquecida e a diplomacia brasileira, que é profissional e de primeira linha, terá a difícil tarefa de buscar um bom resultado e compensar a ausência dos EUA. A presidência de André Correa do Lago, ótimo diplomata, experiente em COPs, e a secretaria-executiva com Ana Toni, que também tem experiência em conferências do clima, são um alento.